

“Eu acredito na transformação dos corpos”. Entrevista com Iazana Guizzo

Carolina Correia dos Santos (PACC/FAPERJ (pós-doc 10)/UFRJ, Brasil)

caro.corre.san@gmail.com

UFRJ - Programa Avançado de Cultura Contemporânea – PACC

Av. Horácio Macedo, 2151 – Cidade Universitária

Ilha do Fundão, RJ, Brasil, CEP: 21941-917

Iazana Guizzo (LEU/PROURB/UFRJ, Brasil)

guizzo.iazana@gmail.com

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rua Pedro Calmon, 550, Cidade Universitária da UFRJ,

Rio de Janeiro-RJ, CEP: 21941-485

“Eu acredito na transformação dos corpos.” Entrevista com Iazana Guizzo

Resumo: O Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Santa Úrsula, no Rio de Janeiro, passou recentemente por uma reforma curricular ousada, que veio a reconfigurar o cenário carioca de formação do(a) arquiteto(a). A reforma visava manter a tradição de diálogo com as artes e a cidade que consagrou o Curso de Arquitetura da Santa Úrsula e, ao mesmo tempo, introduzir novos modos de projetar e de ser arquiteto(a) e urbanista. Esta é uma conversa entre uma professora de Filosofia que participou do início do processo de reformulação do curso e sua principal idealizadora, Iazana Guizzo, que foi coordenadora do curso por quase quatro anos.

Palavras-chave: Desenho, Corpo, Educação, Projeto, Antropofagia.

“I believe in the transformation of the bodies.” Interviewing Iazana Guizzo

Abstract: *The Course of Architecture and Urbanism at Santa Ursula University in Rio de Janeiro has recently undergone a daring curricular reform that changed Rio's educational landscape. The reform aimed to maintain the dialogue between design, arts and the city that consecrated Santa Ursula's Course of Architecture and, at the same time, introduce new ways of designing and being an architect and urbanist. This is a conversation between a Philosophy teacher who participated in the beginning of this educational reformulation and its idealizer, Iazana Guizzo, who was the undergraduation coordinator for almost four years.*

Keywords: *Design, Body, Education, Anthropophagy.*

A criação do novo curso de arquitetura da Universidade Santa Úrsula parece centrar-se em uma preocupação que é relativamente nova no design e na arquitetura, que é a relação entre a potência do corpo e o ato de projetar. Você consegue descrever brevemente o curso? O que ele tem de “novo” em relação ao que existia?

Iazana Guizzo: Primeiro eu gostaria de dizer que o curso tem uma história, ele foi importantíssimo para o Rio de Janeiro e para o Brasil e se consagrou nos anos 1980/90 com a perspectiva de uma arquitetura inseparável das artes e do pensamento da cidade. Pessoas muito importantes foram professores da escola como Lygia Pape e Suzana Queiroga e muitos arquitetos e artistas de destaque saíram dela, como Carla Juaçaba e Tunga. Por outro lado, a universidade passou por uma crise financeira enorme e o curso surpreendeu com uma resistência inimaginável: um grupo de professores o sustentou por 10 anos, sem salário, com intuito de não deixá-lo morrer.

O novo curso, então, parte desse percurso já traçado e das forças de criação e de resistência que ali já pulsavam ou do “barato” existente por lá, como não cansa de dizer nosso diretor, João Calafate. Mesmo que a crise tenha sido muito dura, ela também permitiu, pela sua condição de terra arrasada, a implantação de algo realmente ousado. Nós éramos um grupo pequeno de professores em certa medida afinados nas apostas, com a liderança clara de Calafate e com o desejo de inovação da reitoria da Universidade, que fora arrendada por um grupo educacional a fim de recuperar a Santa Úrsula.

Foi nessas condições que criamos o novo curso de Arquitetura e Urbanismo da USU, que seguiu apostando na arte e na cidade como pilares para trabalhar o ambiente construído que habitamos, mas agora em outros termos. Como já dizia o velho Lúcio Costa: “Só pode se manter o que se transforma”. Cabe também destacar as inúmeras colaborações dos professores que atuavam na escola em 2015. Dentre todos, destaco o Prof. Hermano Freitas, pelo seu apoio direto e incondicional à nossa coordenação.

O curso foi intitulado “Construir na Diferença” e esse título resume bem a intenção dele e sua aposta na existência e convivência de muitos modos de vida. Habitamos um país continental e múltiplo, estamos falando de diversos ecossistemas, climas, geografias, culturas, etnias, economias, faixas de renda, entre outras questões. E a pergunta que muitas vezes fizemos quando estávamos trabalhando na criação do curso foi: por que construímos de modo tão homogêneo no Brasil?

A primeira resposta que encontramos foi: porque praticamente só sabemos construir com a famosa “laje”. Estou falando de grande parte das construções, mas claro que existem diversas formas de construir no Brasil. O curioso é que essas diferentes formas, quando não estilizadas em um exotismo ecológico ou regional, são consideradas inferiores, sobretudo no âmbito popular. A cultura da laje e do tijolo furado é presente na maioria das construções no Brasil, sejam elas para rico, para pobre, no Pará, no Rio de Janeiro, em clima semiárido ou subtropical.

O Brasil tem uma forte tradição na construção com concreto armado que vai desde a mais expressiva arquitetura brasileira até as suas inúmeras favelas. Sem querer desvalorizar a potência dessa técnica construtiva bem como a dos materiais que a compõem, é evidente que há nessa homogeneidade do construir uma desvalorização de outros modos de construção, uma desconsideração aos diferentes contextos e uma forte dependência da indústria do cimento, que se organiza em cartel, como é sabido. Então, a primeira prerrogativa desse curso foi: precisamos saber construir com qualidade e poética de diversas maneiras para, ao menos, poder escolher, caso a caso. E esse saber construir precisa chegar até o seu viés prático e operacional, já que muitas vezes a difusão dessas técnicas será necessária. Não se trata de um arquiteto que irá apenas contratar a mão de obra, mas precisará saber executar a obra.

A segunda questão central do curso recai nas habilidades e ferramentas do arquiteto. A arquitetura, como outros campos do conhecimento, não cessa de se repensar. Ela é um campo em disputa e, há mais de meio século, uma parte significativa de nós está convicta de que são necessárias novas abordagens e ferramentas para trabalharmos com a complexidade por meio da qual a cidade, o habitat, humano ou não, são pensados. Isso quer dizer que estamos distantes da ideia da arquitetura apenas como um objeto plástico a ser definido por uma forma escultural a partir de referências do próprio campo. Estamos falando dos ambientes construídos que coproduzem modos de viver, sensações e experiências que se desenrolam a cada prática cotidiana e que dizem de certos valores e sentidos que ecoam hoje nos nossos territórios. Em suma, estamos afirmando que, dentre outras coisas, o espaço produz subjetividades ou corpos. E nessa afirmação demarcamos que corpo e espírito não se separam e sequer um é superior ao outro, deixando claras aqui as nossas referências spinozistas, indígenas, africanas, entre outras.

Como esse curso pode promover uma espécie de “desalienação” do projetista em relação à potência dos corpos e não somente às ideias?

Iazana Guizzo: Costumo dizer que esse curso oferece aos estudantes duas maletas contendo ferramentas e habilidades. A primeira é tradicional, aquela que contém a prancheta, o desenho, as técnicas construtivas, os *softwares*, as referências, as teorias de projeto e as questões do campo da arquitetura e do urbanismo. A segunda, não habitual, é relacionada às necessidades do contemporâneo e à demanda gerada por um território tão heterogêneo como o Brasil: trata-se de exercitar um corpo capaz de ser tocado pela alteridade ou por um território que não é *a priori* o seu. Um certo estado de corpo que cria, vibra, “vibrátil” (como conceituou Suely Rolnik), um “estado de arte sem arte” (como afirmou Lygia Clark) ou um “estado de invenção” (como dizia Hélio Oiticica).

Acompanhamos uma mudança de paradigma da arquitetura (ao menos parte dela) e que ocorre também no design, até mesmo com mais força: não mais desenha-se *para* o outro mas *com* o outro, e isso, ao nosso ver, fica muito mais complexo em uma realidade tão díspar como a nossa. O nosso contexto de trabalho demanda habilidades e competências inusitadas ao ofício tradicional do arquiteto e do urbanista, herdado de uma cultura extremamente eurocêntrica, que tem como característica uma grande atenção à materialidade. Estas outras aptidões, que afirmamos necessárias, podem hoje ser encontradas em outros campos, como nas artes, na antropologia, na psicologia ou em outras culturas, a exemplo daquelas “minoritárias” no Brasil. Na falta de um outro nome, eu diria que este novo curso busca exercitar habilidades “tropicais”, corporais, como aquelas que tratam da disponibilidade ou de um certo estado de presença ao experimentar um território, do saber escutar, do comunicar com o corpo todo, do mover-se a partir do encontro com a alteridade (no sentido de transformação de si e não de deslocamento físico), do pensar e criar nessas reais misturas de perspectivas, da necessidade de problematização das demandas prontas diante da impossibilidade de aplicação real dos modelos importados e da potência da utopia realizável perante tanta fartura expressiva ou da aposta no desejo de criar o nosso modo de morar. Lembro de Darcy Ribeiro falando bem baixinho no vídeo do povo brasileiro: “a coisa mais importante para nós brasileiros é inventar o Brasil que queremos.”

E nós estamos, claro, ainda, inventando o Brasil, e talvez os brasileiros e brasileiras, arquitetos, arquitetas, designers...

Iazana Guizzo: Sim, estamos querendo formar uma arquiteta mais atenta e disponível ao encontro com o diferente e menos afeiçãoada às normas, aos modelos e aos preceitos do campo (não me confundi, mudei o gênero normalmente masculino ao se referir a todos e não foi à toa). Buscamos com esse curso instigar uma arquiteta que possa até mesmo colocar em xeque a si mesma e o próprio campo a partir das questões que emergem do território de projeto (físico e existencial), desde onde este faz perturbar o seu próprio corpo ou a sua própria vida. Uma arquiteta que de fato se mova por essa heterogeneidade e complexidade que hoje chamamos de Brasil, um território composto de muitas maneiras de ser humano mas também de muita vida não humana, que precisa ser respeitada e preservada dos horrores do capitalismo voraz. Uma arquiteta, por exemplo, menos apaixonada pela laje e mais atenta à floresta. E a floresta aqui é aquela pouca que ainda existe mas é também uma metáfora. Lina Bo Bardi já nos ensinou que é possível criar floresta – vão livre – ou suspender o construir na Paulista.

Essa emergência de uma perspectiva mais feminina nos parece essencial diante do abismo social, ecológico, étnico e político em que nos encontramos. Isso, claro, não para excluir os homens, mas para bagunçar os valores tradicionais do campo construído por eles e forçar uma passagem criativa que de fato está muito longe de defender ou apostar em qualquer gênero biológico. É claro que estamos diante de uma arquitetura e de um urbanismo em disputa e eles se apresentam muitas vezes nos gêneros, infelizmente não apenas na piada sexista da obra. Os sentidos, os valores, as ferramentas, os métodos ou os modos de ser arquiteta não estão apartados dessa hegemonia branca e masculina. O lado bom é que esses modos todos também não estão dados e nós os estamos disputando, posicionadas, e muito longe, portanto, de uma defesa da neutralidade da especialista.

Estamos posicionadas, mas abertas ao diálogo com quem pensa diferente. A falência de nossas instituições democráticas também pode ser vista nas ruas da cidade. Vivemos uma incapacidade de diálogo grande. É preciso exercitar um corpo democrático. Digo exercitar porque a democracia só pode existir diante de algumas práticas corporais como escutar (e não apenas ouvir), pensar (e não apenas repetir palavras de ordem), se posicionar conforme a situação (e não apenas repetir a mesma fala como se outro não

tivesse dito nada), afirmar uma posição com argumentos coerentes (e não falar com achismos ou recorrer a afirmação do direito a uma opinião qualquer). Essas são todas elas práticas corporais que podem ser exercitadas em sala de aula. Não à toa, como bem explicitou Foucault nos diferentes volumes de *História da Sexualidade*, na Grécia Clássica as academias exercitavam ao mesmo tempo pensamento e corpo.

Espero que tenha ficado claro que esse certo combate ao homem branco não tem de fato relação com a forma de uma pessoa, mas com o seu modo de vida, com suas apostas, o com o que ela empreende em suas ações, com a visão de mundo que ela sustenta, com os efeitos que ela provoca ou, simplesmente, com a sua força. Passamos pelo gênero e pela etnia para revelar a opressão imposta por aqueles que se acreditam superiores por essas distinções e não para fazer delas as nossas, isso porque nós não apostamos nelas. Nós somos afeitos muito mais às forças do que às formas, e isso vale também para a arquitetura que estamos querendo provocar.

Isso tudo não está sendo pensado para criar uma oposição entre a arquitetura erudita e os saberes não europeus. Como dizia Darcy Ribeiro “somos deseuropeus, como desíndios e desafros”. A nossa aposta recai em pensarmos o mundo que queremos habitar dentro de uma orientação ética, estética e política que é vasta nas culturas indígenas, africanas e, também, em uma perspectiva mais feminina, por ser mais holística e ligada aos sentidos virtuais e afetivos da vida. O respeito ou até mesmo a adoração à natureza, por exemplo, é algo muito mais profundo e legítimo nessas culturas “minoritárias” (como diferença ao modelo hegemônico e não quantidade) do que o discurso da sustentabilidade e dos selos importados dos ditos países de primeiro mundo. Parece crucial para nós “baixarmos a bola” e nos reposicionarmos para não acabarmos fazendo da Terra apenas um lugar de extração de materiais (como disse Viveiros de Castro ao opor as cosmovisões branca e indígena) e as cidades um aglomerado de zumbis (visão dos Akewaras sobre nós, segundo Orlando Calheiros). Cuidado! A Terra pode ser um ser que respira e nós, seres ligados à ela.

E toda essa perspectiva não europeia pode dar samba, como já vem dando, e é nesse sentido que nos dizemos modernos, concretos, tropicalistas e, também, deleuzianos, ao entender que em toda criação há um fora. O Brasil é cheio de foras, nós que não temos corpo para vivê-los ou que não temos acesso para agenciá-los. (Lina Bo Bardi criticou o abstracionismo da Bauhaus nos trópicos ao enaltecer a nossa força expressiva popular).

O curso aposta no encontro desses mundos que coabitam o Brasil,

dessas inúmeras culturas díspares e potentes que podem criar ainda muito mais, reinventar inclusive as arquiteturas brasileiras ao lutar pela Terra, pela convivência dos povos, por suas expressões, e pela democracia. Uma perspectiva, sim, ainda antropofágica ao não buscar modelos em nenhuma matriz, mas incorporar delas o que permite passar intensidades e sentidos, o que opera movimento vital. Nesses termos, não estamos fazendo um discurso inédito, ao mesmo tempo em que, na prática, não temos sequer referências estruturadas das arquiteturas não eurocêtricas, com raríssimas exceções. Não temos também, de modo significativo, pesquisas na arquitetura e no urbanismo dos modos de morar não hegemônicos. Não estou falando de fazer um levantamento formal de uma casa caipira, mas de entender que forças ela agencia, como ela se torna corpo de quem a habita. Então, não é novo, mas é. Em suma, estamos querendo recuperar um fio, um caminho, pelo qual temos muito apreço. Escolhendo, na encruzilhada, entrar em um percurso potente e criativo já construído para, mais à frente, de modo inevitável, derivar e criar novos caminhos, feito rizoma.

Há uma base filosófica bastante inovadora, *realmente* antropofágica, no seu discurso e no curso.

Iazana Guizzo: Ainda não havia citado a filosofia, porque queria dar um lugar de destaque a ela e apresentá-la como a terceira questão central desse curso. Ela vem com tudo para o nosso currículo justamente porque ainda há a necessidade de operarmos uma "Terra em Transe" ou é preciso uma radical transformação desse território dito brasileiro, a partir das forças que já existem nele, rearranjando essas forças. E é claro que não há possibilidade de reinventarmos o nosso modo de morar nesses trópicos (semiárido, equatorial, subtropical) sem pensamento, seja ele micro ou macropolítico. É para radicalmente politizar os traços que a filosofia, como prática do pensar (não necessariamente da tradição europeia), ganha um papel importante novamente e faz exercitar um desenho que se posiciona e disputa território a cada gesto.

Há um incansável e trabalhoso exercício de politização do rabisco na escola. Não há mais programas nos Ateliês de Projeto (o aluno deve projetar uma escola, um hospital, uma praça), mas problemáticas, questões, pensamento (ambiental, social, tradição, universal). Estamos problematizando os programas, tentando entendê-los a partir do território e com isso construir uma demanda ao caotizar o que está por trás deles. Por

exemplo, pensar educação não é o mesmo que pensar o modelo convencional de uma escola. Isto é, não basta nesse curso, e também na arquitetura em que estamos apostando, estudar as boas referências de desenhos de escolas, criar relações formais com o território físico, desenhar o detalhe elegante do encaixe, pensar um sistema de ventilação mais adequado, a orientação solar mais favorável, os materiais mais propícios para o caso, etc. Não queremos desmerecer tudo isso, muito pelo contrário! Isso é o que deveria ser básico para nós, arquitetos (e não é. São muitas lutas a empreender). Mas estamos querendo mais do que isso, instigando a passagem de um modelo de escola para um pensamento com a educação, por exemplo. E é aqui que a antropologia entra.

Que escola queremos habitar? Como um Kayapó aprende? De que modos os saberes são passados no quilombo Kalunga na Chapada dos Veadeiros? Quais afetos o sistema de educação convencional produz nos nossos corpos? O que nos fez e faz pensar Paulo Freire? Como vem se dando a experiência da Escola da Ponte em Portugal? Como a Finlândia vem sendo ponta na educação mundial? E é aí que o ambiente construído muda completamente, talvez até o nome “escola” sofra abalos. Esse ambiente construído pode não ter nenhuma relação com o CIEP por exemplo, e nesse ponto não estamos juntos com Darcy e Niemeyer. Nosso tempo é outro. “Só pode se manter o que se transforma”, novamente com a frase de Lucio Costa gostaria de dizer que não estamos com eles, mas estamos. O que era vida ontem pode ser modelo hoje. A aposta na utopia para provocar um fora dos modelos arquiteturais também não é algo novo. A defesa por um modo de ser moderno, a ser criado, foi crucial para esses arquitetos. Eles tiveram os seus movimentos, seus problemas e os seus foras para criar a arquitetura moderna. A problematização dos modos de vida hegemônicos da época foi crucial.

Essa aposta do curso no pensamento busca politizar as propostas de projeto, pesquisa e ações desde o primeiro período, tirando-as de qualquer perspectiva natural e implicando diretamente os estudantes em seus atos. Nesse sentido não damos refresco, eles até reclamam às vezes, mas as urgências de uma cidade como o Rio de Janeiro ou de um país como o Brasil não permitem folga. A nossa aposta é pela diferença e para isso acontecer precisamos combater os modelos de dentro e de fora do campo e cultivar a vida nos corpos das arquitetas para que elas possam se agenciar aos territórios ao invés de impor os modelos do campo a eles, por não poderem fazer de outra forma.

Eu não falei da pesquisa que fizemos em diversas universidades do

munho, da nossa referência na escola de Desenho Industrial e Artesanato de Lina Bo Bardi no Solar do Unhão, dos ateliês formatados por materiais e problemáticas (Terra/Tradição, Modulação/Bloco, Efêmero/Madeira, Local/Concreto e Universal/Metal) das disciplinas de ação (que juntam pesquisa e extensão com a graduação), das de expressão (produção desse corpo), da integração horizontal e vertical do currículo, dos Seminários Temáticos, do TCC que volta aos Ateliês e tantos outros detalhes que fazem diferença. Acho que precisa de outra entrevista para falar tudo [risos].

Gostaria que você dissesse algo sobre a “disciplina” que dá aos alunos do primeiro período. Explico as aspas: para quem conhece um pouco do que acontece ali fica difícil nomear “A1: Expressão” “disciplina” – isso faz sentido?

Iazana Guizzo: Começo dizendo que A1: Expressão tem me surpreendido, por provocar mais do que eu esperava, com seus efeitos contra o preconceito e com a sua possibilidade real de transformação dos corpos de quem participa. Essa “disciplina” consiste em um duplo e tão importante quanto os seus propósitos e conteúdos é o seu método.

O primeiro desse duplo, mais visível, estuda as três grandes matrizes formadoras da cultura brasileira, em uma inspiração e homenagem a Darcy Ribeiro, por dois motivos. O primeiro se dá ao entender a arquitetura e o urbanismo enquanto cultura fortemente agenciada a um território sempre existencial e físico ao mesmo tempo. Estou frisando isso porque os arquitetos normalmente entendem território como algo físico, no máximo como histórico e climático, mas raramente como produtor de modos de ser ou como parte intimamente ligada a um ecossistema e a uma certa perspectiva de vida. Então, se somos arquitetas por aqui, precisamos minimamente ter uma pequena noção sobre as nossas diferentes matrizes culturais. E o segundo motivo é pela insistência na ideia de que o Brasil não é uma “porcaria”, mas um território belo, rico, constituído por muitas culturas também impressionantemente ricas e que, sim, precisa ultrapassar essa prática colonial de exploração e de violência que parece insistir veementemente em ser nossa. O fato é que se continuarmos nos achando inferiores aos europeus ou norte-americanos não ultrapassaremos essa violência toda, ainda mais nesse avanço do conservadorismo e da concentração de capital em que vivemos. Nessa perspectiva, a utopia de Darcy Ribeiro, mesmo que romântica e idealista, nos parece necessária. Eu uso seus vídeos até mesmo como antidepressivos nos últimos tempos. Não! Eles não irão derrubar o nosso

desejo de vida e de criação a partir das belezas e forças que somos e nos fazer simulacros de gringos.

E o segundo aspecto do duplo, mais invisível, trata da busca de afirmar a expansão da vida ao provocar a transformação de si com exercícios em sua maioria corporais que buscam viver a alteridade, ousar limites, superar a vergonha, dar risadas, arriscar diante de uma trava ou preconceito, voltar a ser criança, sentir a força de uma imagem, música, dança ou ritual. Procura-se deixar o corpo ser tomado de sensações e afetos que de fato movimentem, cada um em sua especificidade, para que possamos nos deparar com brilho no olho, risos, mudança no caminhar, crises, medo. Como escreveu Suely Rolnik, diferentemente de sentimentos (já conhecido pelo nosso eu) ou percepções (visíveis), a sensação pode nos colocar no desconhecido de nós mesmos e com isso fazer da própria vida possibilidade de diferenciação e criação de si, dos territórios e do mundo. E isto combate a homogeneização desde os corpos até a arquitetura. Trabalhamos, portanto, com o que Rolnik chamou, a partir de Lygia Clark, de "corpo vibrátil". Ativar uma orientação estética ou a vontade de potência do corpo junto às principais matrizes formadoras da cultura brasileira, por isso um duplo. Lygia Clark (e seus objetos relacionais) é uma das principais referências metodológicas dessa aula, bem como Hélio Oiticica, Método Rio Abierto, Método Angel Vianna, Movimento Autêntico, entre outros diversos artistas.

Entendo que não adianta dizermos que a arquitetura e o urbanismo são práticas artísticas se a maior parte de nossas ações são iguais a de um burocrata ou um soldado. É preciso de fato termos corpos capazes de experimentar o diferente, de se arriscar, de não ter nada garantido em um modelo e, principalmente, de estar bem, de gostar de ir a aula, de fazer sentido, de aprender com prazer ao invés de um sistema de tortura. Mesmo assim, não consideraria fácil frequentar a aula, principalmente na Matriz Tupi, a primeira. As garotas e garotos podem dizer melhor sobre isso...

Claro. Me lembro de haver alguma resistência...

Iazana Guizzo: Existe, mas cada vez menos, os veteranos já preparam os calouros e eles já chegam bem disponíveis. Há uma dificuldade por parte dos estudantes porque não se trata de uma aula expositiva, exceto uma sobre Lina Bo Bardi e outra sobre Álvaro Siza. Nós movemos o corpo. Não tem fala. Na sala não tem nada, apenas um chão de linóleo limpo. A primeira coisa é tirar os sapatos, a segunda se livrar dos cacarecos todos (celular, mochila, relógio,

etc)! A terceira é chegar, respirar, deixar o passado e o futuro lá fora, junto com o sapato. A quarta é fazer chamada pelo pé, porque estamos deitados, a avaliação se dá pela presença e é engraçado.

A aula consiste em movimentos corporais, música, vídeos (sempre abro as matrizes com Darcy e o povo brasileiro, mas também vídeos dos próprios índios ou uma fala de, por exemplo, Mãe Beata de Yemanjá etc.) e, claro, também indico para ler em casa textos de antropologia, literatura, filosofia. De cada matriz, são mais ou menos quatro aulas sem fala. Para não dizer que não tem nenhuma fala, apenas largo umas frases soltas em meio a um exercício, performo uma cena, proponho que imaginem um sonho delirante no qual vou dando elementos dessas culturas na sua condução, coisas assim. Entretanto, a última aula de cada matriz é só fala, mas não a minha. Nessa eu me calo totalmente, sou facilitadora de um modo de conversa, o aquário, e intervenho só em último caso.

O aquário é uma metodologia conhecida e difundida nos meios de economia criativa. Consiste em uma roda dentro da roda com quatro lugares, sendo que um fica vazio. Só falam os que estão dentro e a elegância é que sempre uma cadeira fica vazia, ou seja, sempre é possível alguém da roda de fora entrar e quando isso acontece outro alguém de dentro precisa sair para deixar sempre uma das cadeiras vazia. Assim, com mais algumas coisas que fomos inventando juntos e acrescentando ao método, são eles que exercitam a fala a partir das experiências que viveram e, em parte, experimentaram coletivamente. Ou seja, a fala consiste em um estudante contando, perguntando, ouvindo, reverberando, discordando, debatendo, brigando, afirmando, rindo, concordando, dispersando, chorando, ignorando, fingindo, atentando, discriminando, perdendo a paciência, criando paciência e disponibilidade com o outro. Trata-se da incitação aí de um corpo político (ou mais macro político enquanto antes era mais micro) e de um conhecimento que vai se tecendo a partir da experiência deles, do que faz sentido, do que reverbera nas suas vidas. Talvez aí pode-se dizer que temos a influência clara de Paulo Freire.

Cada aquário é diferente, aparecem distintas questões e acontecem ou não catarses coletivas, (risos). Eu fico ali, sustentando o espaço e acolhendo se a coisa fica dura demais mas deixo rolar normalmente, confio que eles sozinhos podem sustentar esse debate. Já pude viver junto com eles, dentre muitas coisas, frases impactantes da experiência de ser negro no Brasil, da percepção do preconceito e da ignorância em relação aos índios, da questão da sexualidade fazer o debate ficar uma loucura, da compreensão de

que a arquitetura é intimamente ligada aos modos de viver, de momentos duros de preconceitos entre eles, do absoluto apaixonamento por esses brasis, da dificuldade de ter uma família fascista, de se ver duro demais e entrar em crise, de se assumir preconceituoso por ignorância, de embates comigo fazendo eu me posicionar e da perplexidade de não terem tido acesso antes à força desses povos, que são normalmente excluídos e julgados inferiores. Frequentemente aparece a crítica ao ensino que tiveram antes.

Isso tudo acontece profundamente, ao meu ver, porque essa aula não está preocupada em passar conteúdo como informação mas de disparar sensações, afetos, entender o outro sendo, na medida do possível, um pouco a beleza dele. Como dizia Deleuze falando de Spinoza, um conhecimento que se dá por dentro das relações.

Uma disciplina contrária à comunicação de “duplo-clique”, como diria Bruno Latour...

Iazana Guizzo: É como se pudéssemos de fato sentir a força poética da cultura africana e não apenas respeitá-la porque assim é demandado. O respeito é consequência do encontro com a beleza. É fácil perceber na carne o preconceito histórico que a maior parte carrega quando enfim começa a desconstruí-lo ao entender a beleza de um Orixá. O estudante percebe não porque grava uma informação e incorpora um “deve-se” mas porque também sente um respeito profundo pela natureza ao compartilhar dessa visão Iorubá que faz dela forças e deuses. E para cada um será diferente, na medida de sua possibilidade, disponibilidade, composição com essa visão das coisas.

Por exemplo, não fico falando sobre a importância do outro nas culturas indígenas. Proponho um exercício tão simples que parece bobo: mexer os braços juntos sem que um mande e outro obedeça. Aí diante da dificuldade de estar de fato com o outro, você entende na hora, pelo corpo e pelo afeto, que os índios possuem toda aquela habilidade participativa necessária para avançarmos enquanto coletivo. Compreende que temos muito a aprender com eles e sobretudo desejar a sua presença nesse território (que é deles), os respeitando, admirando o seu modo, querendo as suas virtudes e belezas para nós e não mais os achando preguiçosos, como muitos chegam achando. Os descendentes de índios que sempre estão na sala, um ou outro, começam a mudar a sua perspectiva, se sentem orgulhosos, e os demais ficam com uma pitada de inveja. E na Matriz Afro isso acontece com os negros da sala e, por incrível que pareça, também, com os portugueses na Matriz

Lusa, porque o pessoal prefere ser inglês, alemão, norte-americano.

Ah! É aí que nós viramos o jogo. "Professora, deixei meu cabelo enrolar mesmo!" "Eu acho que já mudei quatro vezes desde que começou o período." "Me leva para o Xingú, sério!" "Eu não acredito que até os nossos europeus nós achamos de menor qualidade." "Eu fui perseguido no supermercado só porque era negro". "Por que as mulheres entram menos na roda do aquário?"

E o que isso tem relação com arquitetura? Tudo!

Uma arquiteta não pode ser uma juíza, no sentido de aplicar um julgamento moral e entender quase que de forma "natural" que uma comunidade brasileira seria inferior a uma europeia. Não pode chegar em um território aqui e só ver a materialidade dele, ou não compreendê-lo, e impor um modelo espacial, mesmo que venha a fazer isso por ignorância. Não pode porque o ambiente construído não é neutro. Ele produz sujeitos e pode ser danoso às pessoas que o habitam. Este tipo de julgamento moral, tão comum entre os arquitetos e arquitetas hoje, pode ajudar a tirar de um território a sua força vital, homogeneizá-lo e desconectá-lo da vida que ali pulsa. Em suma, pode contribuir para acabar com a sua singularidade. É grave e nós queremos construir com a diferença, para afirmá-la.

Pensar a arquitetura enquanto cultura aqui no Brasil exige do especialista um corpo capaz de ser tocado pela alteridade, surpreender-se com o território no qual projeta, contagiar-se por visões muito díspares da sua, e criar junto com ele a sua demanda. Bem como pensar a arquitetura enquanto arte, criação, exige um corpo capaz de conquistar, intimamente, algumas passagens mesmo sem entendê-las de modo muito claro; exige experimentação e a sua sustentação publicamente.

Essa disciplina, em especial, mas todo o curso se vincula ao seu itinerário de vida: de estudante de arquitetura e urbanismo politicamente engajada no Rio Grande do Sul, a mestranda em psicologia na UFF, estudando filosofia, dançando na Angel Vianna e com um emprego na prefeitura em Nova Iguaçu, e daí a doutoranda na UFRJ em Urbanismo, com um período de estudo em Paris. Será que podemos dizer que esse é um curso que tem uma assinatura e, portanto, corresponde a uma vida – a sua?

Iazana Guizzo: Quem é aluna de Margareth da Silva Pereira não poderia responder que não. [Risos] Sempre há um percurso constituído de muitos atores e experiências para sustentar qualquer produção.

O percurso político que pude vivenciar no sul e quando me formei em Porto Alegre (1999-2004) foi muito singular. Era uma Porto Alegre viva, que afirmava um outro mundo possível. Tinha criado o Orçamento Participativo e o pensamento progressista tinha possibilidade real de experimentação. Lembro que no dia do meu aniversário de 16 anos fui fazer meu título de eleitor (achava um absurdo não poder votar), e com 18 anos fui em uma reunião do Orçamento Participativo em uma favela, a Cruzeiro, e vi as pessoas dos becos debatendo o que fazer com o recurso público. Bom, esse era o clima e foi tão intensa essa experiência que eu estudo o tema da participação até hoje.

O movimento estudantil da Arquitetura era forte e nós fomos muito influentes no processo do Acampamento Intercontinental da Juventude no Fórum Social Mundial, principalmente no terceiro (2003) e no quinto (2005). Toda a discussão da bioconstrução, participação, autogestão, mutirão, habitação social, edificação saudável, entre outras se consolidaram muito nessa experiência. É muito raro termos construção com terra na grade de um curso, nós temos. E o debate de minha parte vem daí: direito à cidade, autonomia e sustentabilidade ao construir. É importante dizer, mais uma vez, que não estou só e que temos outros professores na escola que vêm de um debate muito forte também nesse mesmo sentido.

Já no Rio de Janeiro, a passagem pelo mestrado em uma certa psicologia, aquela da diferença na UFF, que estuda Guattari, Deleuze, Foucault, Benjamin..., me possibilitou um verdadeiro encontro com a filosofia e fez com que eu desse um salto na noção de território. A potência da filosofia, da criação de uma autonomia no pensamento, é revolucionária. As disciplinas na USU de Filosofia, Repertório e Seminários Temáticos do curso apostam nessa potência. Mudei completamente a minha visão e a politização saiu da reprodução de alguns discursos para a criação. Nessa experiência o território passou a ser existencial, da macro passei para micro política, e encontrei, de um modo íntimo, a força ética e política da poética do ambiente construído ou, simplesmente, da arquitetura. Entendi aí o que era estética da existência e compreendi que o espaço produz, dentre outras coisas, subjetividade. A passagem por esse pensamento e, também, por um evento chamado Corpocidade, da dança e da arquitetura da UFBA que vem sendo realizado na Bahia desde 2008, me levou ao corpo de modo radical.

Me formei bailarina contemporânea na Angel Vianna. Uma belíssima escola no Rio de Janeiro que aposta que todos os corpos podem e devem dançar. Uma escola que combate o modelo da dança em favor da expressão

de cada corpo. Foram dois anos e meio de 4 horas de dança por dia, as células todas mudaram. Ali conheci Soraya Jorge e o Movimento Autêntico. Anos depois conheci, pela rede da psicologia da UFF, Laura Pozzana e a escola argentina para o desenvolvimento humano Rio Abierto. O Rio de Janeiro é uma cidade muito corporal e propicia a dança, a música e a rua. A sequência de Expressão só pode ser pensada depois desse percurso, claro.

E, por fim, o retorno à arquitetura, com o doutorado em urbanismo sobre participação, onde estudei essa mudança de paradigma que é um dos nortes do curso: a passagem de um arquiteto que não mais desenha *para* mas *com* o outro. Estudei essa questão defendendo a tese de que um projeto pode ser ao mesmo tempo autoral (criação artística) e radicalmente participativo, com as experiências de Christopher Alexander, Lina Bo Bardi e Hassan Fathy. Essa ideia está no curso desde a aposta no corpo capaz de se contagiar até a disciplina de Ação. Com essa pesquisa, a noção de território ganha ainda outro salto. É porque os territórios fazem parte dos nossos corpos, são parte de nós tanto quanto as células do fígado. E isso Deleuze, Spinoza, Bardi e Fathy me ensinaram. No agenciamento de corpos heterogêneos percebi que a criação era participativa e que de fato não se trata de adaptar modelos de um campo disciplinar. Então, essa noção de território como cultura que sustenta o curso é bem profunda.

A França me fez reapaixonar pela nossa força e me aproximar da antropologia, das culturas indígenas e africanas. Toda essa aposta não eurocêntrica tem relação com esse estudo do doutorado, principalmente, o de Lina Bo Bardi e sua valorização das culturas populares.

Algo além do que foi dito explica o que são a arquitetura e o urbanismo para você?

lazana Guizzo: Além de tudo isso?! [Risos.]

"Um meio para alcançar certos resultados coletivos", como dizia Lina Bo Bardi. "Um corpo capaz de afetar e ser afetado", como dizia Spinoza. "Um lugar para fazer pessoas bonitas", como dizem os Kayapós. "Uma força agindo sobre outras forças" e, por isso, política como dizia Foucault. "Um suporte ou uma paisagem" para um personagem, como dizia Deleuze. Uma força cotidiana capaz de mudar nosso modo de viver e sentir. Um caminho para viabilizar a utopia, os sonhos. Um modo prático de reconstruir o Brasil ou de apostar na força deste território.

Falando do seu projeto “estritamente profissional”, não acredito que a Terceira Margem seja exatamente um escritório de arquitetura, se por isso entendemos simplesmente um grupo de pessoas que prestam serviços profissionais de arquitetos a partir da demanda de um cliente. Penso, de fato, que a Terceira Margem oferece, em algum grau, a possibilidade e uma prática de autoconhecimento que tende a ser bastante libertadora. Se isso faz sentido, o que é a Terceira Margem? Podemos dizer que ela comporta um projeto político?

Iazana Guizzo: Com certeza. A Terceira Margem encarna, de certa forma, esse pensamento no ofício da arquitetura e do urbanismo. Trata-se de um método participativo e feminista, que repensa as ferramentas e habilidades da arquiteta e faz dos habitantes reais contribuidores do processo de concepção dos espaços. O ambiente construído não é neutro. Ele pode estar a favor ou contra quem habita nele.

Às vezes gostaríamos de cultivar certas práticas, de nos tornar certos personagens, mas habitamos cotidianamente um território que nos produz em outro sentido. Foi buscando alinhar desejos e memórias com a produção da arquitetura e do urbanismo que criamos um método, que para cada um ou para cada coletivo será diferente. Que mundo queremos habitar? Essa é a nossa questão chave e quando tentamos responder essa pergunta primeiro notamos que não é fácil respondê-la e depois que algo como “eu preciso de dois quartos e gosto de parede verde” não pode ser a resposta dela, mesmo que essas informações sejam incluídas na demanda do projeto.

Que mundo queremos habitar? Habitamos antes essa questão através de um método. Isto porque entendemos o ambiente construído como um aliado para o cultivo poético da existência, ou de um território existencial, e nesse sentido é sempre político. Estamos sempre diante de escolhas.

Propomos antes do desenho do projeto, inspirados na análise institucional, provocar uma passagem: a do pedido para a demanda. O pedido é aquilo com o qual o habitante chega para conversar com um arquiteto. Ele tem uma intuição, um incômodo de algo prático que precisa resolver, um desejo de mudar, algo assim. Às vezes, realmente, não tem noção do que quer, noutras, tem demais. Propomos um processo a partir do corpo para juntos construirmos uma demanda real antes de começarmos os desenhos. Usamos muitos dispositivos, desde os objetos relacionais até trechos de filmes. E de um pedido de placa passamos para a demanda de uma praça como foi o caso da Vila Autódromo; ou de uma reforma para entrar no apartamento passamos

para a criação da Casa Mistério em oposição a Casa *Windows* (onde tudo estava dado tal qual o *software* do computador). As oficinas que propomos vão criando essa passagem e com ela conseguimos de fato construir o mundo que se quer habitar ou, ao menos, chegar mais perto dele.

As oficinas fazem emergir sensações soterradas por essa vida corrida e muitas vezes automática que temos. Elas promovem espaço antes em nós mesmos, possibilitam estar e acessar as nossas próprias sensações. Propomos disparar memórias e desejos (com o mesmo método da disciplina de expressão) através de uma série de dispositivos que na maior parte das vezes são organizados em temáticas: Habitar Ar, Habitar Água, Habitar Terra, Habitar Fogo, Oficinar a Cozinha, a Sala, ou um tema específico para o caso. É aí que o inesperado costuma aparecer. Um banho de banheira com o avô, a força de uma erva, a clareza da possibilidade dos encontros e das escolhas de uma esquina, a vontade que sempre fica para depois de dançar e escrever, a percepção da opressão dos padrões e do excesso de ordem que pode ter um espaço projetado. E tudo isso é vivo, fica vibrando nos corpos e, claro, é extremamente educativo, se entendermos por educação encontro, provocação e acompanhamento de experiências. É a partir delas e do que elas disparam que projetamos, mas também podemos trabalhar apenas com as oficinas ao entendê-las como um processo educativo dos corpos no espaço.

Para projetar o ambiente construído partimos, então, dessa ampliação da atenção (do habitante e nossa) da relação com esses elementos e percebemos que a água, por exemplo, na maior parte das vezes, está em nossas casas em um sentido higienista. Ela serve para lavarmos o corpo, a louça e a roupa. Mas ela tem outros sentidos em nossas experiências: erótico, lúdico, contemplativo, anárquico, sagrado, etc. E cada coletivo (que junto a Guattari pode ser composto por muitos indivíduos ou apenas um) habita certas sensações com os dispositivos e se reconecta com algo extremamente vivo para ele, algo que toca profundamente a sua experiência e o agencia com esse mundo que deseja habitar. Então pensamos o ambiente construído assim, o que é muito diferente de uma reunião onde ativamos uma lista de coisas da consciência. Trabalhamos com esses afetos que emergem de um outro corpo, o vibrátil.

É claro que quem acompanha esse processo (nós, 3Margem) também precisa ter um corpo e um estado de atenção grande para captar essas sensações junto aos habitantes. É preciso também exercitar e ativar o seu vibrátil para que a banheira passe a ser o centro da casa, a cozinha ganhe a frente do apartamento, ou um projeto de reforma vire uma luta contra a

intolerância, como foi o caso do Ilê Omiojuarô. É nesse sentido que fazemos, primeiro, a construção da demanda para depois fazermos o projeto, a obra e acompanhar. A demanda não está dada *a priori* do encontro da arquiteta com o habitante, o dado é sempre um modelo.

O ambiente construído é bastante potente porque ele atua cotidianamente em nossos corpos. E é claro que muitas vezes seremos soterrados novamente por essa vida que estamos levando, mas ele, uma vez construído, não cessa de nos produzir. Você acorda, trabalha, passeia e dorme nele ou passa na frente dele. É essa a sua potência e por isso apostamos no agenciamento com o que potencializa a vida de quem o habita. O ambiente construído como expressão de certos modos de viver, de singularidades e não como homogeneização dos corpos e reprodução de modelos. É diretamente político e expressivo.

Será que podemos dizer que você é uma “designer” de corpos?

Iazana Guizzo: Não (risos), de modo algum. Acho que podemos dizer que nesse método de projeto, ou nesse modo de pensar o ensino de arquitetura e urbanismo, o território é entendido como existencial. Isso quer dizer que o desenho e a execução dos ambientes construídos estão agenciados à vida de quem habita. O que o método do Terceira Margem (ou a disciplina de A1: Expressão) propõe é disparar uma atenção à própria vida de quem participa, sempre a politizando, desnaturalizando, para que a tomada de decisão relativa ao território seja feita de modo amplo. Para que as escolhas considerem a efetiva potência que o espaço tem – com toda a sua virtualidade, afetividade e sensações – que de fato passa pela materialidade, mas não é ela. Se o ambiente construído é um agente produtor das nossas vidas, há que se perguntar: qual vida queremos viver? E é isso que faço, questiono: que mundo queremos habitar? E essa resposta vem dos habitantes, ela não é minha. Eu apenas acompanho, desde que acompanhar seja entendido como colocar-se também em movimento. Um deslocar a partir da experiência do outro ou um dispor-se ao risco, como bem entendem os esquisoanalistas ou o que é chamado de “testemunha” no Movimento Autêntico.

Você poderia dar um exemplo de como isso acontece?

Iazana Guizzo: Posso sim. Além de expressão, também sou professora da “disciplina” (com aspas mais uma vez) de “Seminário Temáticos” que está no

meio do curso, então tenho essa oportunidade de ver os alunos novamente depois de um ano e ver também muitas passagens, encontros, transformações corporais, crises, pequenos avanços e grandes saltos de cada um e do nosso coletivo. É emocionante, me seguro às vezes para não chorar. Outras, me arrepio por trás, do pé até o topo da cabeça. Outras, me irrita, principalmente com a apatia e o funcionalismo. Outras vezes, os perturbo, provoco para que se movimentem. É bonito demais acompanhar e, claro, me transformar junto, fazer isso tudo bater em mim e também me mover. O Movimento Autêntico me dá ferramentas para acompanhar esse coletivo com um corpo presente. Vivo, cada vez mais, a experiência do outro em mim, criando a minha com ele. Cada vez mais acesso as minhas sensações, ou o desconhecido do corpo, ao acompanhar o outro. E aí não estou de fora, dou saltos e entro em crise também. No final do período passado disparei uma crise e comecei a colocar publicamente uma série de questões. Meu corpo tremia. Me deslocava de mim mesma. Estava muito vivo, é aí que me sinto educadora.

Isso acontece nas experiências da Terceira Margem também?

Iazana Guizzo: Acontece sim, estou vivendo uma agora muito intensa. Está me deslocando de modo radical, mas ainda não consigo falar sobre isso. Estou bem no meio do caos em relação a esse tal projeto. Outros estão mais tranquilos, enfim. Mas a experiência com os Kayapós pode ilustrar um pouco isso. Foi um projeto em colaborações com outros escritórios, arquitetos e designers. Saímos do Rio para Tucumã no Pará com todo um modo de participação pensado. Chegando lá, na primeira reunião, tudo desabou. A alteridade no Brasil é radical. Lembro que na oficina corporal – que fizemos lá junto com vários atores da Funai, Eletrobrás, lideranças Kayapó e Floresta Protegida – deu a ver com clareza essa diferença toda na qual habitamos. Perguntei às pessoas o que elas tinham sentido quando propus um exercício meditativo. Os brancos todos me falaram de sensações, ideias, abstrações. Um índio me disse: “senti o calor da lâmpada”. Ahhh! “A minha casa caiu”, como diz a expressão carioca. É essa radicalidade que estou querendo dizer quando digo outros modos de viver, são outros corpos. Então nós tivemos que esquecer as ferramentas, teorias, métodos que tínhamos pensado no Rio e recriar tudo a partir do encontro.

Você já disse algo sobre isso, mas insisto (ou quero mais! [risos]). Como é a experiência do corpo de uma mulher nos meios profissionais em que circula? Era fácil ser Lina Bo Bardi? É fácil ou difícil ser Iazana Guizzo?

Iazana Guizzo: Não é fácil ser mulher, ainda mais em um território tão masculino como o da construção. Não conheço sequer uma mulher arquiteta que não tenha uma história relacionada ao gênero para contar. Todas nós temos muitas narrativas de assédio, de discriminação, de boicote, de desvalorização, de desdém, de poréns. Muitos pedreiros simplesmente não escutam as mulheres, o que mostra que a questão de gênero sobrepõe a de classe em muitos casos. O Brasil é um dos países do mundo que mais estupra e mata mulheres, é pesadíssimo. Mas a dificuldade vai além desses atos criminais.

Se você chega na obra ou em uma apresentação junto com um homem é muito possível que você desapareça instantaneamente ou que fique como apoiadora dele. É duro ver o habitante valorizando muito a fala do seu colega, mostrando interesse e fazendo questões, quando você já havia feito a mesma fala e tinha sido ignorada. Ou quando você monta uma equipe para trabalhar, composta até mesmo de homens, e é atropelada por uma desculpa qualquer de prazo que nem existe, porque depois você chega na obra e nada foi executado ainda. É como se você já chegasse no negativo, tendo que conquistar, ser surpreendente ou até ser meio masculinizada para ser ouvida. Ou, ainda, pode ser mais pesado que isso, como quando você vai conversar com um habitante sobre a ciclovía que passaria na frente da loja dele e ele responde que queria ver você passar nela de bicicleta com um *short* curto e colado. Entre outras várias histórias daí para pior. E isso porque a maioria delas se deram com mulheres brancas, imagina o que não acontece com as arquitetas e construtoras negras e indígenas.

Existe uma barreira invisível que impede você de se afirmar em um lugar, a princípio não destinado à você. E está nas pequenas coisas, todos os dias. Por exemplo, ontem mesmo estávamos, Calafate e eu, na coordenação fazendo matrículas e um menino que vinha de transferência “naturalmente” agiu como se eu fosse a secretária, em um lugar inferior, já que eu sou uma mulher jovem e Calafate é um homem de cabelos brancos. E, repito, seria certamente pior se eu fosse negra ou indígena. Acontece o tempo todo. Calafate logo percebeu e fez questão de me apresentar e mudar a cena: “Iazana é coordenadora do curso”. Não é à toa que temos muito mais homens premiados e menos oportunidades em todos os sentidos para as mulheres.

Então ocupar o espaço criado e destinado a um homem já não é fácil, mas o mais difícil ainda é que não basta ocupar. É preciso recriar. Fazer de outro modo. Para mim esta é a maior beleza e a maior dificuldade de ser mulher, bem o que toca a sua condição de “minoria”, como afirmava Deleuze. Há algo que escapa aos modelos. Nesse caso, os modelos são masculinos, então como é um curso criado por uma mulher? Um escritório pensado por mulheres? Um projeto e uma obra liderados por uma mulher? Não pode ser o mesmo. Como reinventar os espaços antes criados por uma lógica masculina? Além de ocupar, portanto, é preciso transformar os sentidos, valores e as lógicas ao empreender uma visão mais atenta aos outros seres vivos e também a todas as pessoas, com as suas diferenças. Essa perspectiva feminina que aposta em recriar trata de um caminho mais atento aos processos, autônomo e criativo em qualquer prática e não apenas da ocupação de cargos.

Imagino que tenha me perguntado sobre Lina Bo Bardi porque sabe que ela é a minha maior referência. Eu me agencio muito com a questão que a fez transformar e criar uma arquitetura. Me toca profundamente essa atenção à cultura popular de modo radicalmente horizontal e transgressor. Hoje muitas pessoas estudam e gostam de Bardi, acho isso muito bom. Mas sinto falta de afirmarmos a transgressão dela, ainda é muito olhado o seu lado europeu. “Olha, ela se formou em Roma”. Eu acho ao contrário: olha como ela se tornou nordestina! Ela juntou pedaços de boneca em um muro, em referência aos ex-votos. É essa radicalidade de Bardi que mais me interessa.

Não posso falar como era ser mulher para Lina Bo Bardi porque não convivi com ela e nunca estudei essa questão. Mas intuo que era pior, porque ao que parece a luta das mulheres se fortaleceu nos últimos anos. O fato de ela ter sido uma das únicas mulheres a se formar no seu tempo em Roma e a palavra arquiteta sequer existir em italiano (hoje existe) acho que revelam a dificuldade e a ousadia de Bardi. Ela dizia: “eu sou arquiteto!” E no vídeo sobre ela, comenta com orgulho que ouviu sobre o Masp: “Sabe quem fez isso? Foi uma mulher.” Acho que se essa questão não existisse para ela, não teria repetido e enfatizado essa frase.

Como citar

SANTOS, Carolina Correa dos; GUIZZO, Iazana. “**Eu acredito na transformação dos corpos.**” **Entrevista com Iazana Guizzo.** Arcos Design. Rio de Janeiro: PPD ESDI - UERJ. Volume 12 Número 1 Julho 2019. pp.73-95. Disponível em: [<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign>]

DOI: 10.12957/arcosdesign.2019.47524



A Revista Arcos Design está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição - Não Comercial - Compartilha Igual 3.0 Não Adaptada.